

CARNAVAL 1916

II série — N.º 524

Lisboa, 6 de Março de 1916

Assinatura para Portugal, colónias portuguesas e Hespanha:
 Trimestre 1\$20 ctv.
 Semestre 2\$40 ..
 Ano 4\$80 ..
 Numero avulso, 10 centavos

Ilustração Portuguesa

Edição semanal do jornal O SECULO

• Redacção, administração e oficinas: rua do Seculo, 43 •

Director: J. J. DA SILVA GRAÇA
 Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.
 Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

Rifle de Repetição Calibre.44 Acção Corredieça

REMINGTON
UMC



Permite onze tiros, com a vagareza ou rapidez que se deseje. A mão na peça cartreixa governa a acção de ejetar pelo lado, e recarregar com cada movimento para trás e para deante. Geitoso e rapido no campo. A construcção de deposito solido, e cão invisível REMINGTON-UMC protegem todas as partes que trabalham, tambem protegem o atirador.

Desarma-se facilmente como a conhecida repetidora REMINGTON-UMC calibre .22. Limpa-se pelo deposito.

Actuam-se á venda nas principais casas d'este genero.

Remington Arms-Union Metallic Cartridge Company
259 Broadway, Nova-York, N. Y., E. U. da A. do N.

Representantes:

No Sul do Brazil
LEE & VILLELA
Caixa Postal 420, São Paulo
Caixa Postal 183, Rio de Janeiro

No Territorio do Amazonas
OTTO KUHLEN
Caixa Postal 20 A.
Manáos

Agente em Portugal: G. Heitor Ferreira, Largo do Camões, 3, Lisboa.



O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE
CHIROMANTE
E FISIONOMISTA DA EUROPA

MADAME

Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e filologia, e pelas applicações praticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarro les, Lambrose, d'Arpenigny, madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem prediz-se a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguram. Fala portuguez, francez, inglés, alemão, Italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 1\$000 réis, 2\$500 e 5\$000 réis.



DORES DE COSTAS PILULAS FOSTER PARA OS RINS

Sem rival para combater: dores de costas e de pernas; lassidão dos membros; doenças e fraqueza dos rins e da bexiga e das vias urinarias; calculos; nevralgias; rheumatismo; envenenamento do sangue pelo acido urico; hydropisia; etc.



As Pilulas Foster para os Rins encontram — se á venda em todas as farmacias e drogarias, a 800 Rs. cada frasco; pelo correio, franco porte, augmentar 50 Rs. para registro.

Agentes Geraes: JAMES CASSELS & C^o, Succes.,
Rua Mousinho da Silveira, Nº 85, Porto.

FOTOGRAFIA

Reutlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre — PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-09

ASCENSOR



REMEDIO FRANCES



Em todas as pharmacias ou no Deposito Geral, J. DELIGANT,
75, rua dos Sapateiros, LISBOA. Franco de porte cobrando 2 Frascos.



SELLOS DE CORREIO
CATALOGO GRATIS E FRANCO
Remettem-se Folhas para escolher
POULAIN FRÈRES
44, Rue de Maubeuge, 44 - PARIS

Ler às quintas-feiras o

"Seculo Comico"

PREÇO: 1 centavo

Perfumaria
Balsemão

141, RUA DOS RETROZELOS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

CARNAVAIS

Estamos, decididamente, no Carnaval.

Para todos nós, criaturas modernas, neurastenizadas, aborrecidas da utilidade, da comodidade e do menor esforço, o Carnaval é uma abjeção, uma ignominia, alguma coisa de atentatorio do bom senso e da dignidade humana. Não o compreendemos já, nem na sua expressão católica, nem no seu significado pagão. Na nevoa espessa que nos separa do Passado, mal distinguimos Diónisos agitando o seu tirso de ouro, ou a tiara faulhante de Urbano IV entre capellos vermelhos de cardeaes. Do Carnaval de hoje, reliquia ignobil de velhas praticas religiosas, o nosso criterio facil e simplista da vida só apreende a torpeza, a imundicie, o tumulto, — tudo quanto ha de exterior, de epidermico, de grosseiro, de superficial. E, entretanto, o Carnaval é alguma coisa mais do que uma simples abjeção. O Carnaval é a expressão anedotica do Passado. O Carnaval é a Historia. O Carnaval é o cabide onde os seculos que passam deixam os farrapos gloriosos das suas modas, dos seus costumes, do seu esplendor. Podem as épocas, as idades, as civilizações succeder-se: o Carnaval fixará sempre, na poeira distante e luminosa do tempo, alguma coisa da alma dêsse Passado, — um tipo, uma aredota, um aspeto, uma scintilação. Foi o Carnaval, retinindo atravez dos seculos os seus cymbalos de prata, que eternizou a mascarilha veneziana do seculo XVI, o tricorne preto das *zentildonne* do seculo XVIII, que sorriam ao amor na nevoa de ouro da Piazza, as figuras imortaes da *comedia d'ell'arte*, todos os *Pierrots* brancos, todos os *Scaramuccia* negros, todos os *Pulcinella* raquíticos, todos os *Arlequinos* multicores que dançam, e amam, e intrigam nas comedias de Goldon' e nas miniaturas de Rosalba, nas gondolas de Veneza e nos quadros de Watteau.

Foi o Carnaval, ancioso de movimento,

de pitoresco e de côr, que trouxe até nós as velhas danças portuguezas do seculo XVII e XVIII, expulsas da procição do *Corpus Christi* e das festas de touros do Terreiro do Paço, — os «mochatins», as «danças das espadas» e do «rei David», as «mogiganças» do teatro da Mouraria e os «passos» sevilhanos de Juan de Timoneda. Quando o josésinho encarnado das elegantes e o capote azul dos mariolas de 1808 tinham desaparecido de Lisboa, como sombras, foi ainda o Carnaval que os fixou, e os reviveu, e os eternizou nos barros de Rafael Bordalo. Dir-se-ia que, no *San'Intrudo*, as idades mortas acordam, os espetros do passado dançam. Cada figura que passa, nessa *farandola* interminavel, leva consigo, inconscientemente, uma pagina de historia: é uma caricatura ou um simbolo, uma anedota ou uma tradição.

Quando, perante a revolução de 1820, todos os restos anacrónicos do antigo regimen caíram em Portugal, e as velhas instituições se subverteram com as velhas modas, com o bicorne e a cabeleira de rabiço, o oculo de oiro e a casaca de sêda, os polvilhos de França e as fivelas de prata, — foi ainda o Carnaval que fixou, no tipo eterno do *ché-ché*, caricatura do «bandalho», do «peralta», do «francelho», do «bandarra» do seculo XVIII, o Portugal velho, o Portugal de cabeleira que morria para sempre, afogado em Lausperenes e mosteiros, perante a eloquencia tribunicia dos brichotes do Porto. Se o virmos, na observação superficial da sua h diondez, o *ché-ché* é uma ignominia; se o analisarmos, no significado historico da sua caricatura, o *ché-ché* é uma lição. Porque havemos, nós outros, creaturas comodistas e desdenhosas, de querer tanto mal ao Entrudo que passa? Porquê, — se o Carnaval, como um velho mestre risonho, nos ensina tanta coisa que nós não sabemos?

JULIO DANTAS.



Paula

Fui vêr Paula, ao Estoril. Naquela manhã, com licença da medicina, tirei os oculos pretos. Li logo cincoenta paginas. Mas porque motivo me lembrei tanto de Paula, que não via ha tres anos? Foi talvez a idéa do Estoril, uma hora de luz e de ar, n'um comboio á beira do Tejo. E, desembarcando em S. João, vi logo o *chalet* branco dos Ataídes, com o seu telhado esguio, á maneira italiana, em ardosia negra, a sua larga varanda sobre a praia e sobre o horisonte, a balaustrada em marmore rosado, um luxo confortavel e discreto. Só a hera, que em tempos abraçava já uma das paredes, tinha envelhecido, desaparecera crestada pelo vento do Oceano, e o *chalet* tinha, agora, um aspeto descuidado, negligente, onde não havia já nem os cuidados de Paula, nem os habeis dedos de Paula atapetando os terraços de aspidistras, tratando de certa roseira enorme, no fundo do jardim, e que eu conhecia tão bem.

Em baixo, na praia, reconheci os tres filhos de Paula vadiando, de pernas nuas, pela orla; e ao lado, num carrinho de criança, á sombra de um grande rochedo, uma outra pequena, toda coberta pelas dobras de um *plaid* escossez, imovel, parecia contemplar a linha indecisa do Espichel. Deixei á esquerda o *chalet* dos Ataídes, tropecei pela areia ao encontro das creanças que já vinham para mim; tres, cinco, sete anos, os tres rebentos de Paula Minerva, como eu a chamára em tempos, forte, magestosa, com um pisar de deusa e que déz anos antes, por uma noite de estrelas, tivera junto de mim, um curto suspiro e um vago aperto de mão. Eram eles, todos tres, podiam ter sido os meus, e ao tê-los ali, em volta de mim, a cabeça loura da pequenita, o morgado já com um ar muito decidido de homem, e o outro trincando com os dentes fortes uma grande arrufada de Coimbra, —tive aquele desalento sombrio de quem foi por mau caminho e não pode já voltar para traz. E foram eles que me disseram:

—A mamã está ali!

Era a outra criança, a que fitava pensativamente as sombras indecisas do horisonte,

envolvida no seu cobertor, conchegada no seu carrinho de rodas altas. Era Paula! Tornei a vêr o bom sorriso, os dentes faiscantes, toda a larga mancha dos cabelos de um iouro cendrado, rodeando dois olhos claros e enormes. E ela reconheceu-me logo, os dedos diafanos agitaram o cobertor, apertaram os meus...

—Ingrato Manuel! Ha tres anos sem me vir vêr...

Fiquei ainda colhido na surpresa de a saber doente. Paula, tão forte, tão robusta, com o seu grande ar de Bellona, a sua face resplandecente de saude, estava ali, enrodilhada em almofadas, coberta com aquele feio abafado, n'um carrinho, imovel... Balbuciei. Quiz saber o que tinha Paula e, não sei porquê, toda a alegria que a mim proprio prometera n'aquela visita a uma suave recordação, sossobrou, desapareceu. Nunca tinha imaginado Paula doente. Via-a sempre com o seu belo andar de deusa casta, rodeada pelos tres pequenitos, pisando a areia lisa em volta do *chalet* dos Ataídes, com a sua grande sombrinha encarnada que me parecia uma papoila. E era ela que estava ali, palida, com os olhos cheios do calor da sua febre, tão embrulhada, tão envolvida no seu *plaid*, que apenas lhe via a cabeça loira e meiga.

Paula teve um gesto vago...

—Não sei o que é... Emagreci quanto podia, tenho agora o corpo d'uma criança de dez anos... O que me custa é não poder andar. Não posso! Ataxia, talvez, estou completamente paráltica. Ah! Cêres está bem mudada!... Tenho sempre febre. Ha um ano que vivo assim. Foi com tempo; comecei por me cançar no fim de vinte passos—e hoje não me posso levantar. Rolam-me para aqui de manhã e á noite levam-me de novo. E tenho vinte e sete anos!...

A sua voz, de uma grande doçura, vibrava, comtudo, extranhamente. Os pequenitos, em roda, ouviam. E o mais novo largou a arrufada, exclamou:

—E' a mamã!

Ela acariciou o cabelo no gesto lento de

uma mulher que põe no penteado a ultima garridice da sua beleza. E, bruscamente, levantou o cobertor que a tapava:

—Quer vêr Manuel?

E eu vi! Vi, sustentando a cabeça sempre bela, um corpo, santo Deus! um pobre corpo mirrado, anquilosado, sem fôrma, pouco maior que o da pequerrucha que olhava tambem sem compreender. Paula, de fôrmas tão ricas, era aquilo! Era aquilo Paula! Com o pudor indifferente dos moribundos, levantou um pouco a saia; e o pé, aquele pé que pisava tão lindamente, com tão farta segurança, a perna fina e forte de Minerva que tantas vezes antevira n'um turbilhão de baile, moldada na sua meia de seda, pareceram-me tão debeis, tão fracos como os da filhita. . . Como foi que consegui enganar o meu soluço! Como foi que não ajoelhei ali, sobre a areia, crispado pela amargura d'aquela triste fim! Oh! Paula! E pareceu-me que tinha sessenta anos, que havia já quarenta que passára a noite de estrelas em que a ouvira suspirar furtivamente. Senti-me velho de a vêr assim, com um corpo de velhinha. Era certo! Ela era avó, eu avô, não eramos já as duas creaturas de vida e de mocidade que o acaso aproximára e depois tinha levado para destinos diferentes; Paula vivêra uma longa vida, tivera a sua parte de luz e de alegria e por certo contemplava tambem as minhas rugas, os meus cabelos brancos. E foi só ao levantar a cabeça, ao vêr-lhe de novo a face, a mesma ainda dos desoito anos, que percebi que não. Eramos ainda os mesmos, mais carregados talvez, mas entre nós

tinha passado uma desgraça, ela ia morrer, nunca mais se levantaria do seu carrinho... Nunca mais! Minha fresca recordação, tão ligeira e tão velha já! E o que me sufocava era a ideia do seu lindo corpo d'outr'ora transformado n'aquela mingua miseravel, vivendo unicamente pelos dois olhos largos, imensos, onde se refletia toda a angustia de vinte e sete anos que não querem morrer ainda. Era o fim para ela, era para mim qualquer que morria tambem, que nunca mais sentiria, que não voltaria nunca mais, nunca mais, jámais! Ah! este cemiterio que trazemos sempre conosco no mais fundo do nosso coração, que dia a dia se povôa, que hora a hora vae enterrando conta por conta todo o rosario das nossas devoções, toda a alegria dos nossos sonhos, toda a esperança dos nossos projétos. . . Mi-

séria! Balbuciei. E sem me conter, deixei cair sobre os dedos afilados de Paula a mais limpida de todas as minhas lagrimas.

Os pequenos brincavam agora junto da margem. O nosso silencio pesava; bastaria a Paula toda uma eternidade de silencio. E fui eu que perguntei tremulamente:

—E seu marido, Paula?

Já ela estava no espaço, com o seu olhar perdido nas brumas da tarde que descia. O olhar

baixou, veio de muito longe, d'além-tumulo talvez, poisou no *plaid* felpudo e a vóz, a vóz de

Paula, respondeu-me:



—Espera que eu desapareça!

Deitou um olhar furtivo para o *chalet*. Todas as janelas estavam fechadas. E Paula continuou:

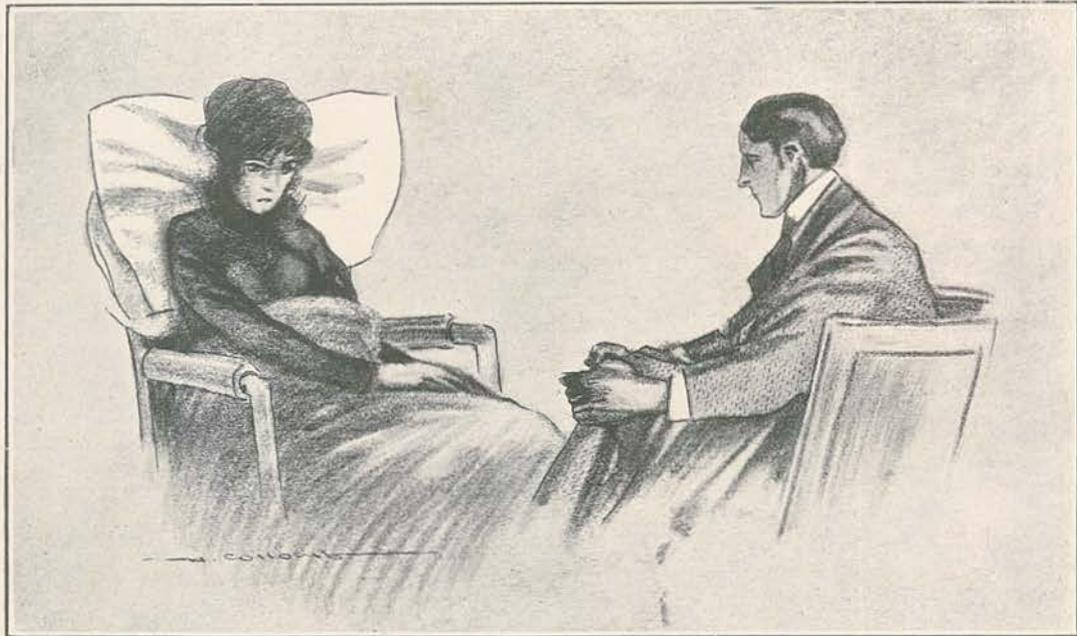
—A minha irmã está ali. Está ali ha dez mezes. Veiu assim que eu adoeci. E eles entenderam-se logo! Sinto que esperam com impaciencia! Esperam que eu morra! Separam-me dos meus filhos, cortam-me da vida. Já os surpreendi beijando-se. . . A' noite, no grande silencio dos nossos tres silencios, como eles se falam, como eles se prometem, olhando-se longamente, sem pudor por mim! E' horrivel Manuel! Ah! Até para morrer é preciso ter sorte! Eu não queria, decerto, o desespero de Antonio mas desejava, oh! desejava a ilusão de um fim mais caridoso para mim. Como é possivel que ele seja o mesmo,

o pae de meus filhos? E aquele homem que me espreita os ultimos instantes é comtudo o mesmo que me levou — como n'um sonho! — até ás aguas azues de Napoles, com quem vaguei por entre as laranjeiras de Sorrento, que eu senti estremecer junto de mim, uma tarde toda exuberante de côr e de luz, em Caprêa, com quem vivi os melhores, os mais felizes dias da minha vida... E é ele que me julga já um embaraço! Oh! Manuel! Crueldade! Crueldade inutil... Pois eu merecia isto? Bem compreendo que ele não pode ficar só, eu propria os uniria... Mas assim... Ah! Miseraveis, miseraveis...

Quasi caía do seu carrinho de criança; o seu pobre corpo desenhava-se tão ligeiro, tão leve, que um simples sopro o desfaria. E cho-

lecendo até aos cambiantes mais delicados. Havia no ar uma vaga percepção de primavera — da primavera que Paula já não veria. E ficámos olhando, esquecidos...

Como ha creaturas desgraçadas! Que veem elas fazer na vida? Sofrer e passar, refflorir depois em rebentos de cipreste, atapetar de relva fresca os chãos dos cemiterios. E, em volta, uma natureza imutavel reproduz todos os dias o seu magestoso adormecer, os montes conservam a mesma linha, conservam as aguas a mesma agitação inquieta. Entre coisas eternas, perpassam, desabrocham altivas obras de Deus, comparsas do cenario formidavel, que sofrem para dar mais beleza aos crepusculos exangues, soluçam para invadir de melancolia os astros que espreitam, des-



rava agora interminavelmente, infindavelmente. Dez anos tinham feito aquilo. E foi só depois de uma longa crise que a agitação de Paula diminuiu, abateu como a efervescencia tenue de uma espuma de *champagne*... De novo o seu olhar viajou pelo espaço, cansado, exausto do seu esforço...

Era n'aquela hora misteriosa em que não é já dia mas ainda não é noite. Ao longe o Espichel esfumou-se de todo e de repente um jacto da luz do farol fulgiu pelo espaço como um grande olho de fôgo fixando o panorama eterno. A enseada, adormecida, tinha um azul mais carregado, um batalhão de nuvens corria a um assalto, no infinito. Socêgo, paz, silencio. Era um poente de Salvator Rosa, amalgamado com as côres mais vibrantes, desfa-

aparecem para que o verde das florestas seja mais verde e mais humido. E Paula é um triste tributo a uma natureza que só vive pela morte. Mulher que não reviveu pelo amor do seu companheiro, mãe que não verá crescer os seus filhos, pobre seixo rolado através de todas as asperezas, face mortificada que implora o céu—e que o céu não atende. E nasceu. E convulcionou a sua magua e cristalisou as suas lagrimas... Inutilidade! Para quê?

Agora é noite de todo. Senti sobre o meu braço os dedos magros de Paula:

—Ha Deus, pois não é verdade?

E eu respondi do fundo d'alma:

—Ha, sim, Paula!

MARIO DE ALMEIDA.



OS MISTERIOS

DE NEW-YORK

Grande folhetim cinematografico adaptado do americano pelo notavel romancista francez Pierre Decourcelle.

O *Seculo* comprou por 3:450 escudos os direitos de reprodução do celebre romance *Os Misterios de New-York*, cuja publicação em folhetim, iniciada com exito enorme na America do Norte, e feita depois em Londres e Paris, constitue, para Portugal, uma perfeita novidade.

O romance é dividido em episodios, cada um d'elles abrangendo o texto de sete folhetins. Publicado o primeiro episodio no *Seculo*, o *ecran* cinematografico do Salão Olimpia exhibirá logo a seguir a fita correspondente e o mesmo acontecerá em relação aos outros episodios.

Assim, o publico, depois de ler no folhetim do *Seculo* as extraordinarias peripecias d'*Os Misterios de New-York*, terá ensejo, quasi simultaneamente, de vê-las movimentadas no cinema, o que torna, sem duvida, mais interessante o conhecimento da obra.

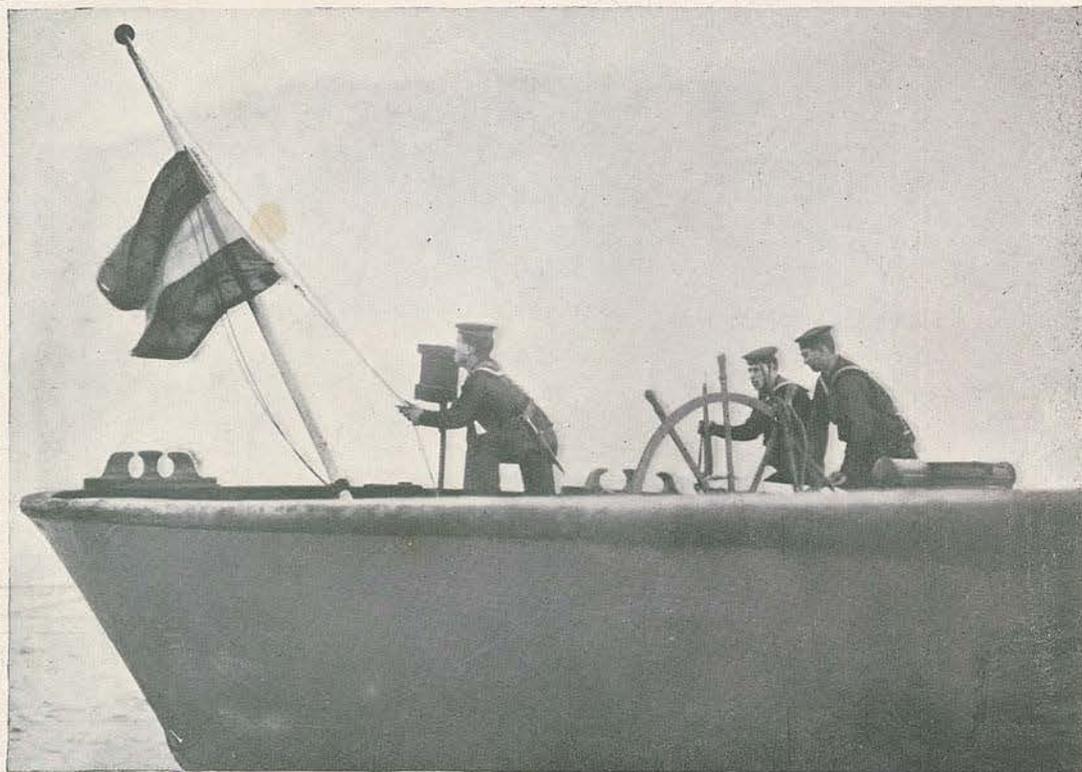


Brevemente no folhetim do **SECULO**

Os Misterios de New-York

Adaptação de Pierre Decourcelle

NAVIOS ALEMAES



A bordo do vapor «Enérgie».—Um marinheiro da armada portugueza arria o pavilhão alemão

O governo portuguez, com o fim de acudir ao encarecimento das subsistencias causada pela falta de transportes maritimos, requisitou os navios alemães surtos no Tejo desde o começo da guerra, a fim de os utilizar não só para exportarmos muitos generos que sobejam do nosso consumo, mas para nos trazer outros de que necessitamos.

Este belo gesto administrativo do governo foi acolhido com todo o entusiasmo no paiz e louvado com aplauso pela imprensa estrangeira, incluindo uma parte da hespanhola, que lembrou ao seu governo para seguir o exemplo de Portugal a fim de facilitar tambem os seus transportes maritimos.

Os navios requisitados, em numero de 36, serão entregues quando terminar a guerra, dando-se aos seus donos o rendimento que d'elles se tiver obtido, deduzidas as despezas feitas. Assim, nenhum prejuizo sofrerão os seus proprietarios, antes deixarão de estar fazendo despezas com os barcos parados, sem utilidade de qualquer especie.

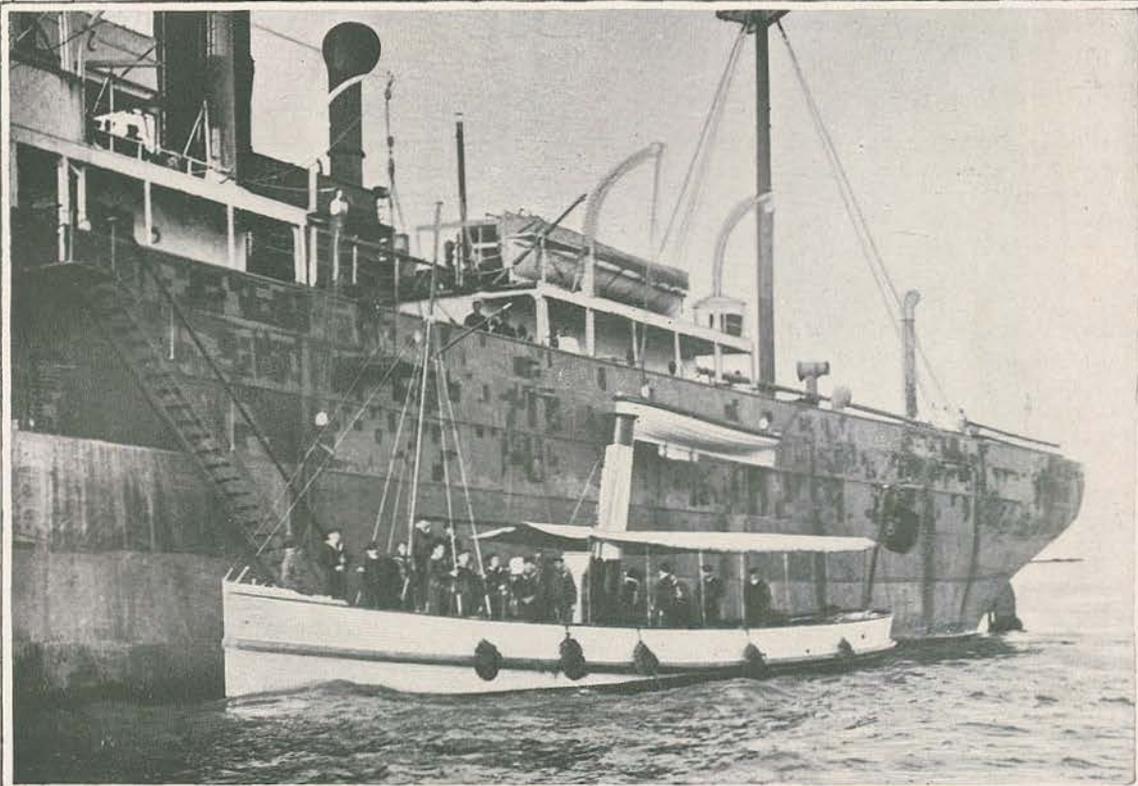
A exploração das carreiras d'esses vapores está confiada a uma comissão que de certo levará o seu patriotico empenho até ao ponto de, com uma administração bem orientada, tirar d'elas os maiores rendimentos para não afetar os interesses dos donos dos barcos requisitados.



No «Picador».—Içando a bandeira portugueza



A bordo do «Enérgie»—Uma força de marinheiros da armada portuguesa faz a continência á bandeira portuguesa, que acaba de ser içada



O rebocador *Cisne*, junto de um vapor alemão, conduzindo as forças de marinha que tomaram posse dos navios alemães

(Clchés Benoiel).



1916

Esse velho, imponente e altivo Carnaval,
Cheio de pó d'arroz, um nadinha brutal,
Que viamos passar na rua, a rir sem fim,
Com gestos de histrião, de bobo ou de arlequim,
Foi perdendo o furor, toda a graça e alegria,
Até que se tornou: — atroz sensaboria!...
E eu que nunca amei o Carnaval d'out'ora,
Aborreço, detesto o Carnaval d'agora!...
Podem dizer-me, sim, que o outro era peor,
Mas parece-me a mim, que ele era bem melhor!...
Devemos compreender que, em geral, toda a gente
Que diz o ano inteiro aquilo que não sente,
Tenha grande prazer, necessidade até,
De cabriolar, de rir, de dansar n'um só pé,
Quando aparece o Entrudo alegre e folião,
Com gestos d'arlequim, de bobo ou de histrião!...
E por isso se vê que, em plena liberdade,
Chegando o Carnaval, a triste Humanidade
Esquece o seu papel na farça d'esta vida,
Beliscando ou bailando, emfim desoprimida!
Tapa-lhe um negro loup as feições, toda a cara?...
E' quando ela de facto, emfim, se desmascára!...
Só então, expansiva, em horrível falsete
Que arrepia, afugenta e mete medo a sete,
Nos diz tudo o que pensa, e tudo quanto sente!
E' assim, travestie, que ela jámais nos mente!...
Com razão direi pois:—sem ter sequer folia,
O Carnaval d'agora é só hipocrisia!
Se nem já se consente o jogo dos tremoços
Entre as damas gentis e os garbosos moços!

Se proibiram mesmo o milho e o feijão,
Quando na guerra, horror! só se joga o canhão!
Por isso as restrições no Carnaval detesto,
E fica aqui gravado em verso o meu protesto!...
Pois, se nem se permite empoar com farinha
A cabeleira farta e negra da vizinha!
Brincadeira inocente, e mais nada, afinal,
Visto que o pó d'arroz nunca a ninçuem fez mal!
E até, se a rapariga era um tanto trigueira,
Ficava a parecer mais linda:—uma moleira!
Não posso concordar, não sou d'opinião,
Que se proíba o pó em tal ocasião!
E' tão lindo, tão chic, o cabelo empoado,
A aureolar um rosto assim enfarinhado!
Demais, eu penso assim, e julgo pensar bem:
— Que fique em sua casa o que tristeza tem!...
— Que só vá para a rua o que fôr folgasão!...
E é esta, de facto, a melhor solução!...
Deixem, pois, quem quizer, escarnecer, jogar
Para bem se expandir, para não sufocar,
Durante o Carnaval. Pois isso que mal tem?!...
Longe de fazer mal, só póde fazer bem!
E não peço p'ra mim, pois nunca, em minha vida,
Eu me senti jámais, sufocada, oprimida,
Devido ao genio meu, tão cheio de franqueza,
Que chega muita vez a tocar a rudeza!...
E tanto que não ha quem de casa me arranque
Em epoca entrudesca; e vejo de palanque,
Sem me rir, á janela, o pobre Carnaval
Que nunca me empoou, que nunca me fez mal!...

Esmeralda de Santiago.



UM BANHÃO = = FORCADO

Aquilo é que era
uma selvageria!
Deus m'ó perdõe,
peço muito amor que

ainda tenho áquele torrão verdinho, embalado nas aguas revoltas do Atlantico, que lhe guarnece o basalto negro da orla com tufo alvissimos de espuma.

Não havia as licenciosidades e desbragamentos das Bacanaes, não, senhores; mas, nas brutalidades, o estrudo da minha terra dava uma idéa arripante do que seriam as Saturnaes. Saía-se d'ele encharcado, rôto, moído, emporcalhado. Os desgraçados que conseguiam sair pelo seu pé e ainda em estado de poder atravessar as ruas em demanda do domicilio, sem a maior ofensa para o decóro publico e para o proprio, pareciam escapados a uma refrega no Circo Maximo com os leões dos Cezares e metidos depois n'um banho de vasa no Tibre.

Fatos rasgados, algibeiras deitadas a baixo, roupas que deviam ter sido brancas a esgueirarem-se pelos rasgões e por todas as juntas sem botões dos casacos e das calças, caras agatanhadas e escarvunçadas a cinza, empapada em metades de laranja azeda, chapéus amarfanhados escorrendo uma mistela repugnante de claras e gemas, — não

se calcula o desalinho e a imundicie, sem falar já nos arranhões e nodoas negras, que desfiguravam as pessoas, algumas tão graves durante o ano, que jcgavam o carnaval.

A rapaziada pequena era, afinal, quem entrudava mais limpamente. O seu forte era esguichar agua, a torto e a direito, quer a gente passasse na rua, quer assomasse ás janelas dos primeiros andares. Mas não com tubos, nem borrachinhas, levando apenas uns bochechos de agua aromatizada; era com seringas de folha, de embolo reforçado, percorrendo varias capacidades desde o meio quartilho á canada, — uma bisarma monstruosa, cujo cabo se premia ora contra o peito, ora contra o abdomen, para se elevar a agua com mais força!

A agua, n'esses dias, corria por algumas ruas abaixo. Pedia-se á camara que mandasse abrir o cano, por onde ela confluia fartamente para a antiga cêrca de S. a deixasse derivar que tinham a vale Apoderava-se em

Francisco, e pelas ruas, ta ao meio. tão dos rapazes e loucura. Era um espetáculo curioso vel-os todos n'uma estranha fita a encherem as seringas e a atacarem



quantas pessoas se lhes deparavam.

Um estrudo — onde vae isso! — um d'eles, um rapazito de 8 anos, meu visinho, depois de encher a seringa, olha para a janela aberta de um primeiro andar, divisa uma creada que estava a passar roupa a ferro, e esgui-

cha-a com inacreditavel furia e precisão. Poucos segundos se passaram para ele se rir e gabar da proeza, quando se vê sair da porta, como uma rez espicaçada do touril, uma mulher forte, de cara afogueada pelo calor do ferro e pelo desespero, mangas curtas deixando ver dois braços encordoados de musculos como os de um atleta. Avança de mãos crispadas para o pequeno; este



Rocha Vieira

foge, consegue mesmo fur-tar-lhe algumas voltas; mas, por fim, mareia e vae-se-lhe meter nas garras, como a doninha nas fauces escancara-das do sapo.

A mulher toma-o de costas nos braços, alarga estes até que um lhe fique na cur-

va dos joelhos e outro debaixo do pescoço. O rapaz estrebucha e grita, mas ela segura-o sem esforço, deixa-lhe descair a parte posterior do corpo e mergulha-a completamente na agua! Depois larga o pobresito e este, sacudido de calafrios, porque estava a suar da brincadeira, vae todo encolhidinho para casa. E banho foi ele que lhe sobreveiu uma pneumonia, que o trouxe entre a vida e a morte. Eu que diga a afflção em que se viram os meus visinhos, paes do rapaz!

Uma tarde, estando o doente já a convalescer, a mãe veio posal-o como uma creança de colo na soleira da porta a apanhar uma resteasinha fagueira de sol, que lhe costumava bater áquela hora, e deixou-o sósinho. D'ahi a nada — inesperada aparição! — vi estacar defronte d'ele a tal creada, que vinha de cima com um cesto. Poz este no chão e avançou para o pequeno. Tive um estremeção de horror e olhei sobresaltado para a valeta da rua, por signal perfeitamente seca! Passou-me n'um relance pela idéa o banho cruel que levava o meu pobre condiscipulo e os dias angustiosos, que a desolada mãe lhe passara junto da cabeceira!

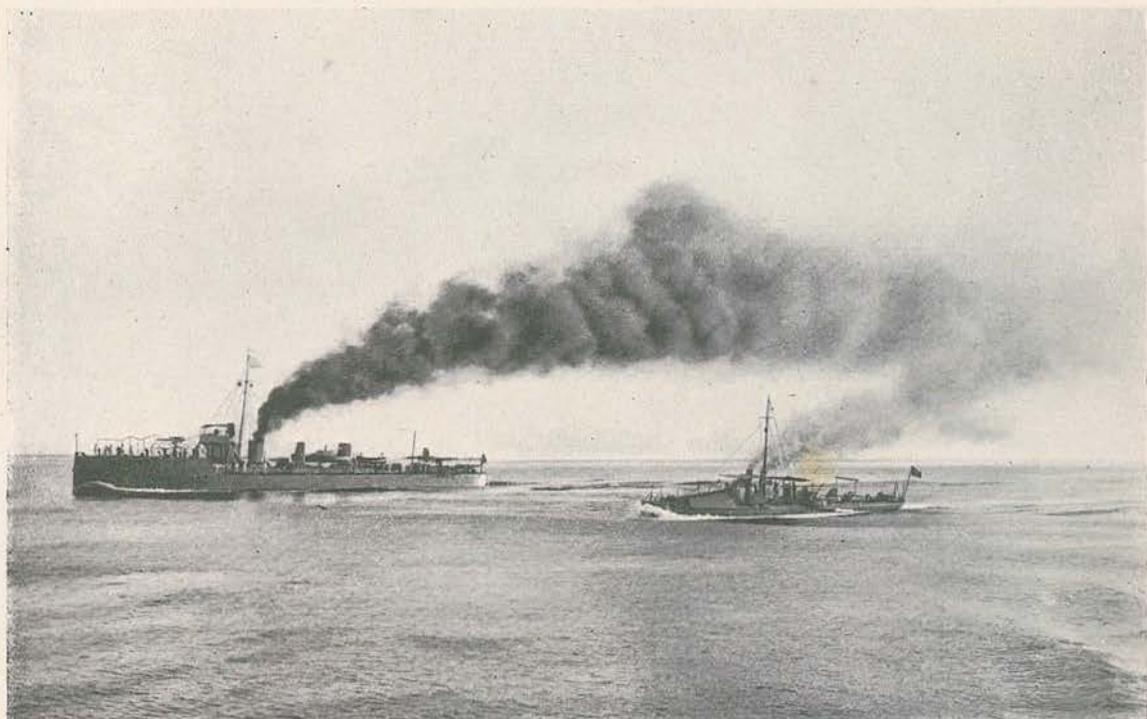
N'isto, pega n'ele com os mesmos braços musculosos e temiveis da segunda feira gorda, ergue-o nervosamente a toda a sua respeitavel altura de granadeira... Eu ia gritar que lhe acudissem, mas a voz faltou-me sob a violencia da estupefacção...

A mulher apertava-o contra o peito, encostando-lhe muito a cara á sua, e ele lançava-lhe ao pescoço com visível ternura e languidez os seus bracinhos ainda de-beis e descarnados!

FLOREANO



(Ilustrações de Rocha Vieira).



O contra-torpedeiro *Guadiana* e o torpedeiro n.º 3



O contra-torpedeiro *Douro*

(Clichés Garcez).



O VELHO MUNDO EM GUERRA

Volta a falar-se da paz. D'esta vez no parlamento inglez pela voz prestigiosa e energica do sr. Asquith em resposta ao de-

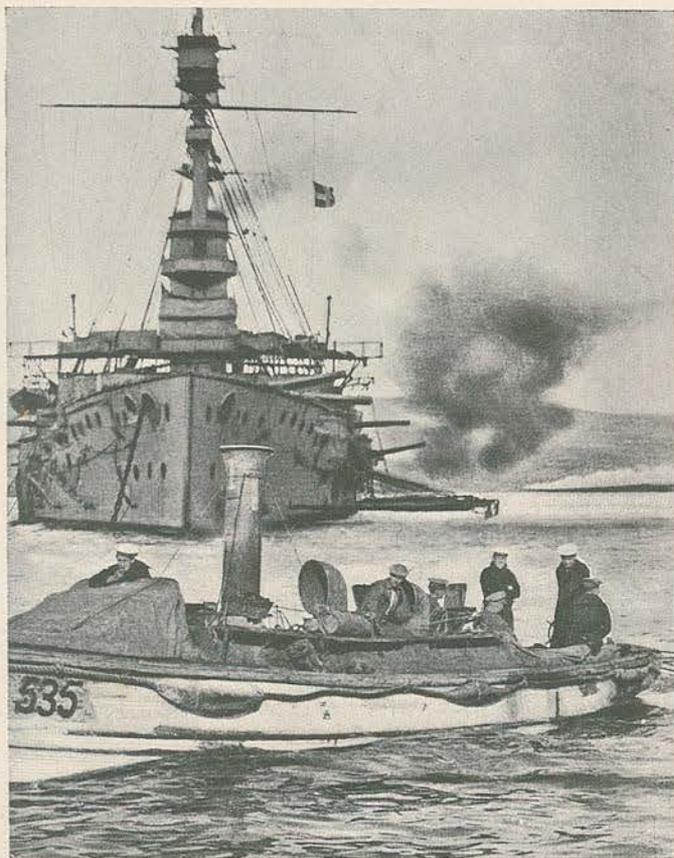
dela se negociar, sem parecer de uma maneira ostensiva que são eles que a suplicam. D'isto é que teem partido os ultimos rumores de paz que encontraram eco no parlamento inglez. Mas o sr.

putado trabalhista sr. Snowdem e ao liberal sr. Frevelyan, que disseram eer chegado o momento de inaugurar o movimento a favor da paz, segundo o texto dos telegramas. Seria talvez mais exato dizer-se o aproveitar o movimento a favor da paz, visto que este se gerou na Alemanha e na Austria, cujos povos se mostram exaustos de todos os recursos e desenganados da tão apregoada vitoria final.

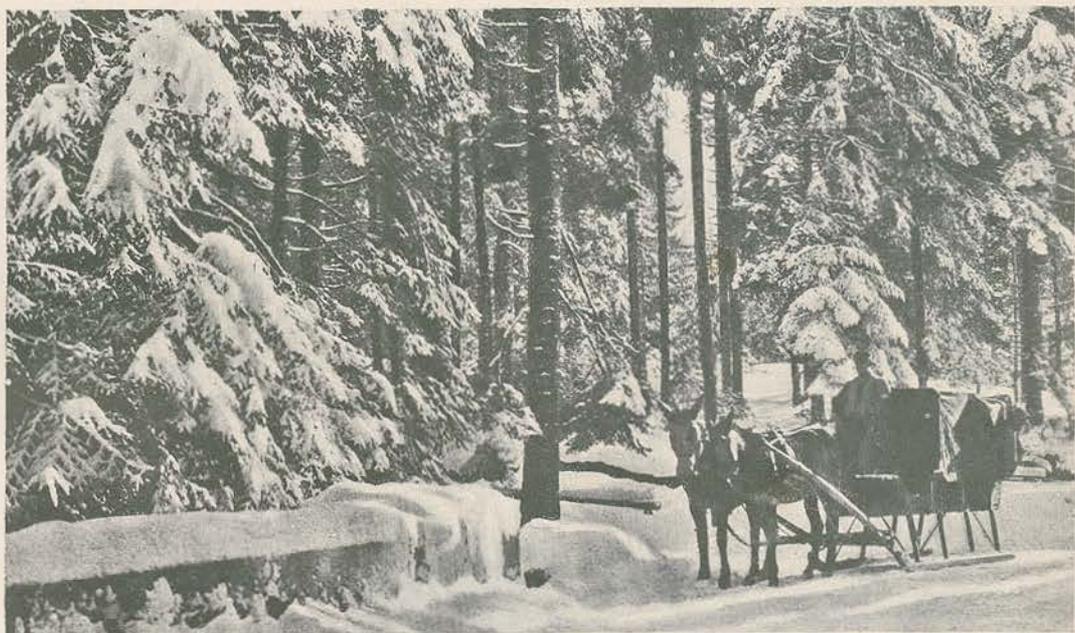
Os imperios centraes não estarão desde já resolvidos a pedir a paz, por esse sentimento de desmedido orgulho que todos nós lhe conhecemos; mas no fundo estão anciosos por que se apresente ensejo

Asquith, com grande aplauso de toda a camara e certamente de todas as nações aliadas, bem como das que esperam com vivo anseio o desfecho da luta, declarou que a Inglaterra nunca embainharia a espada sem que a Belgica e a Servia recuperassem tudo o que perderam e o que teem sacrificado, sem que a França ficasse a coberto de qualquer ameaça de aggressão e sem que os direitos das mais pequenas nações da Europa ficassem assentes sobre bases inatacaveis.

Não pôde haver declaração mais precisa, nem procedimento mais levantado.



1. Na Alsacia.—Dragões francezes com o novo traje de campanha (Cliché da secção fotografica do exercito francez, cedido á *Ilustração Portuguesa*)
2. O Cornwallis cobre de uma maneira eficaz a retirada dos Dardanelos (*The Sphere*)



Um carro proprio para andar sobre o gelo conduzindo viveres para uma guarda avançada

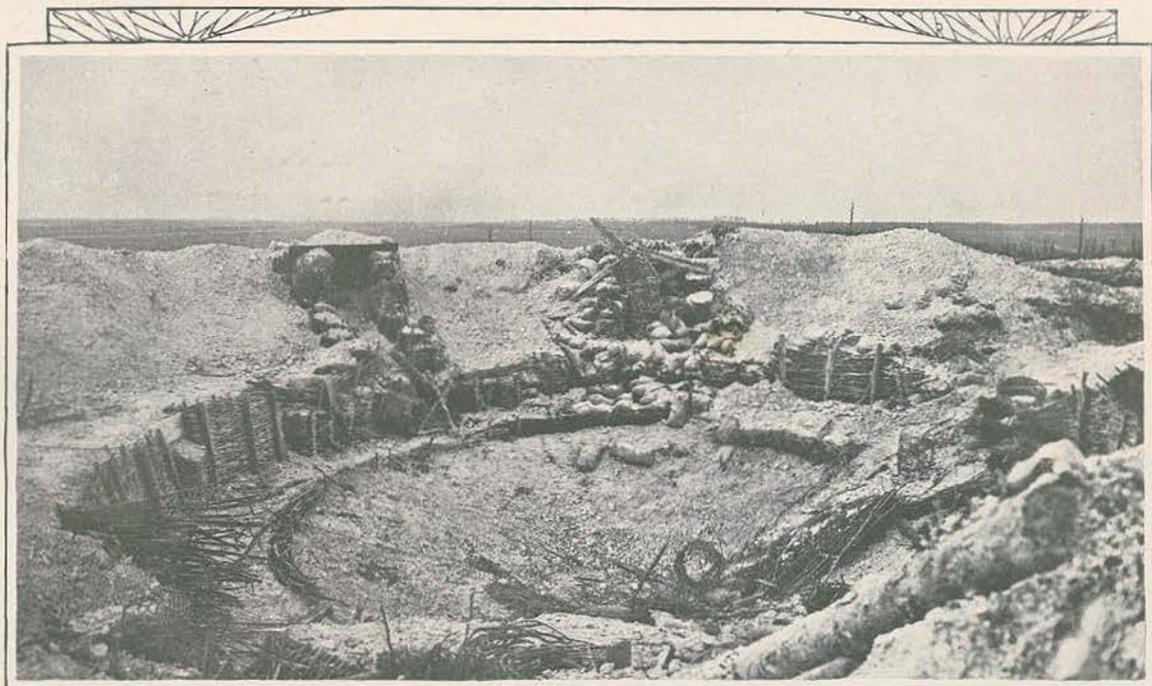


Patrolha franceza em reconhecimento na fronteira



Um estabulo para cavalos provisoriamente instalado atraz das linhas inglesas na frente da batalha ocidental!

(The Sphere).



Na Champagne. — Cratera produzida por uma mina alemã de que os francezes se aproveitaram para sua defeza



As defezas das posições francezas na Belgica no extremo da linha do norte
(Clichés da secção fotografica do exercito francez, cedidos á *Ilustração Portuguesa*),

EM GALIPOLI



Dois soldados do *Royal Munster Fusiliers*, vendo o seu carro despedaçado por uma granada turca, tratam de salvar, com risco da vida, dois dos cavalos que vinham a ele atrelados, chegando ás linhas inglesas são e salvos.



"ZEPPELINS" SOBRE PARIS:— Uma vitória... alemã



Impressionante luta aerea : — Um aeroplano francez persegue um *zeppelin* que vooa sobre Paris e só o larga perto de Rouen por lhe ter faltado o combustivel.
(Desenho do nosso correspondente especial, sr. Ferreira da Costa).



A imperatriz viuva da Russia visitando a enfermaria de um dos hospitaes de Petrogrado

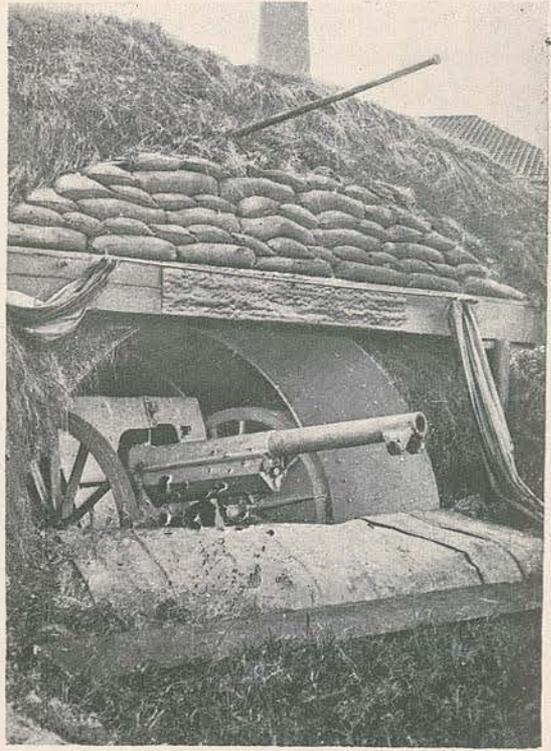


Kavador.—Partida de um regimento francez

(Cliché da secção fotografica do exercito francez, cedido á Ilustração Portuguesa).



A celebração de uma missa na montanha sobre a frente italiana
(Cliché Excelsior).



Marne:—Canhão de 75 francês sob um abrigo blindado
(Cliché da secção fotografica do exercito francez, cedido á Ilustração Portuguesa).



Nu Alsacia.— Uma coluna de alemães prisioneiros vindos de Hartmannswillerkopf
(Cliché da secção fotografica do exercito francez, cedido á Ilustração Portuguesa).

SUA Magestade O CARNAVAL

Variações sobre um velho tema

Sua Magestade o Carnaval tem de ha muito entre nós um tradicionalismo de sensaboria, que nenhum esforço conseguiu ainda destruir ou sequer atenuar. . .

Tempo houve em que nenhum club se propunha disposto a civilisar o Carnaval, a escoval-o do sujo pó de gesso e a desinfetal-o das duvidosas perfumarins que por ahi se vendiam dentro de frageis involucros de cera e coloridos ovos chupados de miolo.

O Carnaval chamava-se então simples e prosaicamente Entrudo, e encarnava-se em dois tipos classicos, que o caracterisavam do norte ao sul do paiz, falhos de graça e de originalidade, repelentes de imundicie e de miseria—o *Chéché* e o *lavrador de S. Cosme*, isto é, o tipo alfacinha e o tipo tripeiro. Era o tempo das partidas grossas, das graçolas pesadas, das recitas de amadores e dos *pózes* com que as Pires se enfarinhavam no *bal masqué* do conselheiro Torres.

Brandindo o *lavrador* o eterno nabo e o *chéché* o facalhão esbeçado e o bastão que remata o fantasista retorcido de um chavelho de carneiro, os dois tipos completam-se e traduzem: á maravilha todo o simbolismo da sorna melancolia tradicional da raça. . . Em suma—é uma sensaboria!

Veuu, é certo, a civilisação e a agua de Lubin, mas mesmo depois da barrela que alguns homens com pachorra e algum sabão de po-



tassa tentaram aplicar-lhe, o Carnaval, com batalhas de flôres, edital repressivo do governador civil, concursos e bailes de character particular, nem por isso deixou de ser uma pelintra parodia dos carnavaes famosos lá de fóra, de que toda a gente cita os de Nice e do Rio de Janeiro por isso mesmo que os não conhece.

Nascido provavelmente na antiguidade egipcia ele foi no principio a cerimonia religiosa da condução do boi Apis para o templo de Psamétik, onde esse animal privilegiado, raro pelos sinaes particulares que lhe eram exigidos—a côr preta, uma mancha branca triangular na cabeça, outra no dorso com a fórmula de uma aguia, duplos pêlos na cauda e debaixo da lingua a imagem de um escaravelho—devia permanecer vinte e cinco anos com a magnificencia e veneração devida á divindade que simbolisava.

A procissão suntuosa desfilava levando á frente os sacerdotes, as imagens dos animaes sagrados em que os seus deuses haviam encarnado, gatos, chacaes, hipopotamos, leões, esfinges, toda uma fauna extravagante, natural e imaginaria, sob cujas fórmag exerciam a sua ação superior sobre os humanos Ammon, Phtah, Osiris, Anubis, deuses do bem e do mal, que dos terraços e das ruas jovens egipcios prosternados saudavam com canti-

cos queimando perfumes em caçoilas de cobre reluzentes ao sol.

Na Edade-Media foi a Festa dos Loucos de que Victor Hugo nos deixou tão impressionante descrição na sua *Nossa Senhora de Paris*.

Era a irreverencia campeando frenetica nas igrejas onde se elegia o Papa dos Doidos que devia ser passeado em triunfo pelas ruas, e tudo se explicava, como no tempo das saturnaes romanas, pela imperiosa necessidade que tantas vezes o homem sente no corpo e no espirito de deixar a besta á redea solta, aquela besta que o filosofo de Maistre descobriu dentro de todos nós e com tão superior criterio estudou e classificou.

Mas ainda na grande e bela França a tradição egipcia, adulterada no cortejo do Boi Gordo, dá hoje que ruminar aos bois magros das suas pastagens, a esta hora devastadas

se estampa nos traços viciosos de uma mascara:

Les Dieux et les Héros, les Grands, les Beautés
Sous les masques jamais ne sont représentés;
Obscènes trop souvent, le plus simple est fantasque.

Chose étrange — Pourquoi? — Qui ment ici? — Doit-on
Dire à la chair que voile un rictus de carton:
C'est quand il est masqué que l'Homme se démasque?

O decantado ceu azul da nossa terra costuma vingar-se cruelmente, por esta epoca, da imbecilidade do nosso Carnaval. Raras vezes a cidade n'estes tres dias de folia deixa de acordar mal disposta e com olheiras, vendo



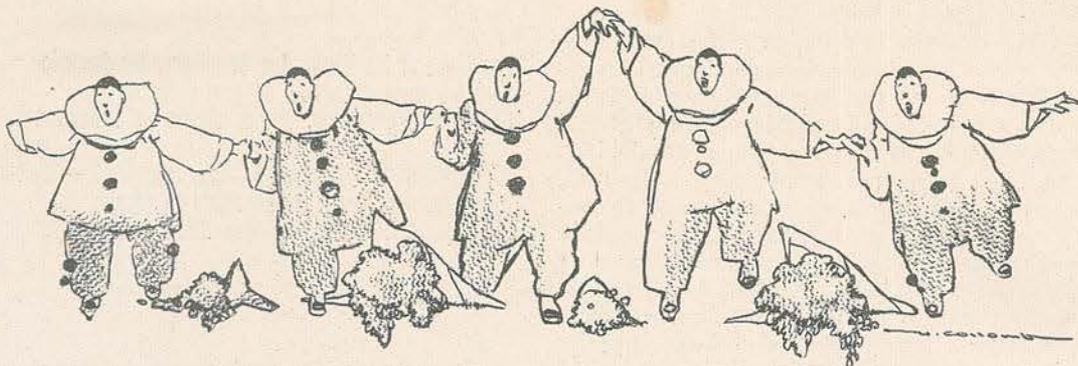
pelo tação pesado do inimigo, como a outros bois magros e gordos da nossa terra da-ria que cismar (se os animaes cismam como nós) como é que as festas religiosas de Thebas e Memphis, da velha Roma e da não menos velha Grecia, simbolisando a primavera, a fecundação da Terra, puderam descambar na entrudada de hoje, tão fálha de alegria como pobre de espirito...

Da Grecia nos vieram as mascaras, inventadas pelas necessidades da comedia antiga, e eis ahí — bizarro costume — que o homem hoje, em cada ano, em certos dias, cobre com a hediondez do seu rictus de cartão a fisionomia propria.

Como o notou um poeta nunca os Deuses e os Heroes, o que é grande e o que é belo

melancolica as bâtegas da chuva cairem impiedosas do alto, transformando em pantanos as ruas, em cataratas os beirões das casas, atravez de cujas janelas, de embaciados vidros, espreitam rostos sorumbaticos de meninas o aparecimento do transeunte ousado que se atreve a defrontar a invernia, de galochas e couraçado no seu *waterproof guaranteed*, o *salsa*, indiferente á lama, que vem pedir-lhes cinco réisinhos sob as vaías da garotada, ou a cégada que recolhe corrida pela policia.

Ha como que uma certa vergonha de nos divertirmos. Mascaram-se apenas as creanças para os bailes rócócós dos teatros, com innocente jubilo das mamãs que gostam de atrair sobre os seus filhos as atenções dos visinhos, as mulheres de vida airada que vêem no baile ensejo facil para a conquista de uma ceia e o oprimido que procura sob a mascara o enxovalho a salvo do opressor, o que lhes



nega o aumento de ordenado, lhes destelhou o predio por falta de pagamento do aluguer ou lhes dificulta a promoçao...

O portuguez aborrece-se sempre, principalmente quando julga divertir-se.

E é por isso que, entre as tradicionais proçissões do nosso passado religioso e os festejos ao Rei Carnaval do nosso presente cetico, ha uma analogia imensa. Perante uma proçissao de Corpus Cristi e uma dansa da Bica o indigena conserva a mesma pasmeira, o mesmo ar concentrado, a mesma atitude de melancolia sôtra, contido nos passeios pela mesma policia incivil de luvas brancas e botões da farda reluzente.

Em vez de serpentinas, colxas de damasco; andores, em substituição dos carros alegoricos; anjinhos e irmãos de confrarias em lugar dos mascarados, e o salsifré em familia, obrigado a chá e recitações ao piano, em vez dos bailes de caracter particular obrigados a gabinete reservado — e eis ahi o Carnaval transformado na mais beata e serodia festividade religiosa, delicia dos que namoram e desespero dos chefes de familia obrigados a encher de doçaria o estomago das visitas!

Porque a verdade é que ninguem se diverte, e o bom natural d'esta terra, traficante até á medula, em todas as festas vê apenas um pretexto para negociar, para vender caro o que n'outra qualquer occasião nem barato poderia vender.

* * *

Quarta-feira de Cinzas...

Balanço final...

Sua Ex.^a o Carnaval morreu.

A's primeiras horas da manhã, já o dia a romper, o ultimo *chéché* recolhe do ultimo baile, sonolento e avinhado, deitando contas á vida. Que diabo! Foram-se uns cobres, a farpela empenhada lá está a testemunhar extraordinarias despesas, o frio aperta e da falta de sobretudo muitos vão resentir-se por estes



restos do inverno que ainda temos de aguentar.

Dentro dos armarios dos guarda-roupas vão descançar um ano trapos de ficticia opulencia.

E' sabido como os *costumes* de Carnaval, taes como os do teatro, são adaptaveis a todos os corpos, magros ou gordos, altos ou baixos. Uns pontos, mesmo com linha de côr diversa da fazenda, e pronto! Pôde o mais paquedo simular a magreza classica de Mefistofeles, o mais esqueletico lançar aos hombros com propriedade os alforques de Sancho Pança.

Lá pendem dos armarios os trapos carnavalescos de ficticia opulencia. Predominam os *dominós*, de desbotadas côres, os de mais barato aluguer, que em tres dias cada ano tanta miseria e tanta fome disfarçam. Depois são as fardas, habitos talaes de desaparecidas epochas, fatos de principe, costumes regionaes, a jaqueta do rufia ao lado do corpete de mangas togadas de uma dama da côrte, as calças com plumas de um mexicano emparceirando com os calções coçados do velho salsa, as guisalhantes blusas de arlequim irmanando com as enodoadas saias curtas de Columbina... Perito d'ali, n'uma esquina discreta, um olho oftalmico de lanterna de casa de prégo vê tambem entrar outras roupas, que lá dentro se amontoam a um canto, vão trepando, trepando, tapam já os ultimos vidros sujos da meia porta. Não ha mãos a medir, o tempo não sobra para que as arrumem nas ignobeis prateleiras onde a traça e o esquecimento as esperam, no deslizar veloz dos juros, mez a mez aumentando até á hora fatal do leilão. Não ha que vêr: o penhorista e o *costumier* foram os mais felizes.

Se a vida é assim, toda regulada pelo medo fatal das compensações...

Sua Magestade o Carnaval morre ás primeiras horas da manhã de quarta-feira de Cinzas, a Rocha Tarpeia do seu Capitolio de loucura, sem sobretudo que o agasalhe dos ultimos frios cortantes d'este inverno que se vae finando...

Oldemiro Cesar

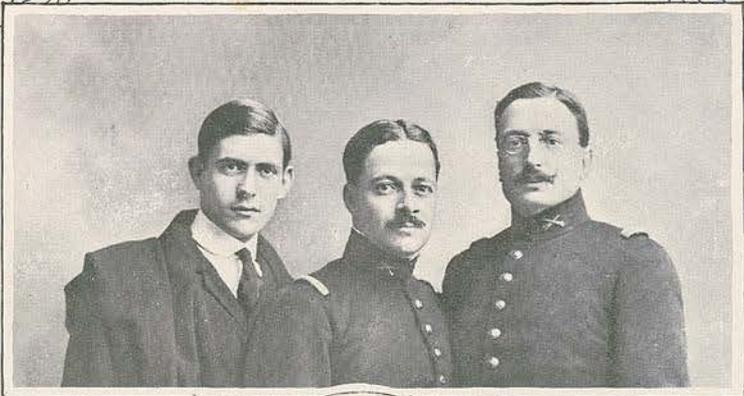
(Ilustrações de Hipolite Collobm).

A FESTA DA ARVORE

A brilhante iniciativa do «Seculo Agricola», do amor e culto á arvore, teve este ano o mesmo entusiasmo dos anos anteriores. Em todas as terras do paiz, cidades, aldeias, freguezias e logares, a festa da planta-

ção da arvore decorreu cheia de interesse, associando-se a ela não só os professores primarios que muito contribuíram para o seu exito, mas muitas camaras municipaes, funcionarios do Estado e particulares, verdadeiros apóstolos de uma idéa que deve perdurar em todos, homens e creanças — o respeito pela arvore.

Comissão de Instrução das Casas Escolares de Oliveira Tavares, entre berto de Oliveira e o Ra



O sr. Castro Neves, diretor do *Seculo Agricola*

Militar Preparatoria Lisboa: O capitão, sr. o tenente sr. Luiz Al academico sr. Simões poso

Em Lisboa a planta-ção da arvore realisou-se nos quartéis, nos collegios e asilos de educação, nos liceus e muitas sociedades de recreio. O chefe do Estado tambem se associou á simpatica festa, assistindo á planta-ção de uma

arvore no Jardim Botanico pelos alunos do liceu Pedro Nunes, presidido ali a uma sessão solene em que se fez a apologia do desenvolvimento da arborisação em Portugal e do carinho e disvelos que devem merecer as arvores. Emfim, a iniciativa do «Seculo Agricola» foi coroada do maior exito, o que sobremaneira nos envaidece.



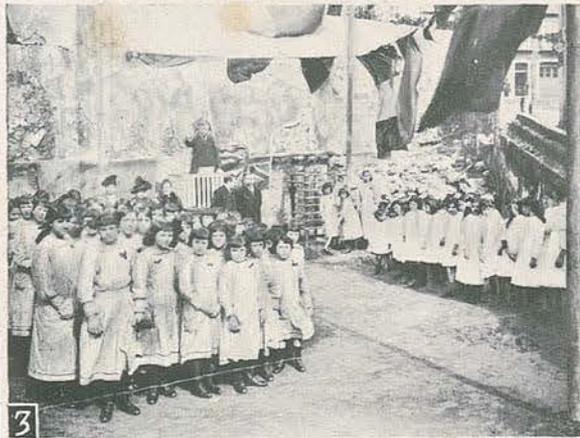
O sr. dr. Bernardino Machado, presidente da Republica, presidindo á sessão no liceu Pedro Nunes



1



2



3



4



5

1. O cortejo dos escoteiros e da Instrução Militar Preparatória a caminho do Jardim Botânico.—2. A Sociedade n.º 1 plantando quatro arvores no largo dos Sapadores — 3. A plantação da arvore pelas alunas do Asilo de Santa Catarina 4. As crianças da paróquia de Marquez de Pombal, plantando arvores — 5. Outro aspeto da plantação de arvores pela Sociedade de Instrução Militar Preparatória n.º 1, no largo dos Sapadores—(Clíches Benoitel)

Casamento elegante em Roma



Em Roma consorciaram-se o sr. marquez Luiz Spinola, um dos mais autenticos nobres da Italia, com a «signorina» Lisie Elia, filha de um notavel official superior da armada italiana.

Os noivos, depois da cerimonia, dirigiram-se ao Vaticano, onde Sua Santidade lhes lançou a benção e dirigiu palavras extremamente tocantes, presentando a noiva com um riquissimo colar de perolas orientaes.



1. A noiva saindo da igreja e subindo para o automovel depois da tradicional visita á capela de S. Pedro—2. Os noivos descendo a escadaria da igreja de S. Pedro—3. A noiva apeando-se do seu elegante automovel na praça de S. Pedro e dirigindo-se para a basilica

HIPISMO



Um aspecto da assistência

Decorreram animadíssimas duas «poules» que se realizaram no hipodromo de Palhavã, para as quaes foram inscritos 21

cavalos. A assistência dispensou os mais entusiasticos apiausos aos concorrentes do interessantissimo divertimento sporti-



O sr. capitão Manuel Latino saltando a vala



O sr. João Barroso da Camara saltando a vala

vo, que se portaram, alguns, com uma temeridade e coragem espantosas ao transpor muitos dos difíceis obstáculos.

A primeira «poule», que tinha nove obstáculos, foi ganha sem faltas pelo sr. José Alverca, que montava o cavalo «Vatua», fazendo o percurso em 1,21 1/5.

Fizeram igualmente o percurso sem faltas os srs. João Barroso da Camara, no «Estrela», em 1,26 1/5; Silva Carvalho, no «Geani», em 1,30 4/5; e Salvador Alto Mearim, no «Duet», em 1,31 3/5.

Na segunda «poule» ficaram classificados em primeiro, segundo e terceiro lugares, respectivamente, os srs. Carlos Marin, na egua «Dina»,



com 1,2 falta, em 1,25; João Barroso da Camara, no «Estrela», com 1 1/2 falta, em 1,24 2/5, e Manuel Latino, no «Boby», com 2 1/2 faltas, em 1,41 3/5. Ao distinto



O sr. Salvador Alto Mearim saltando a vala

O sr. José de Sá Paes do Amaral (Alverca) 1.º classificado

«sportsmen» sr. José Alverca, o vencedor da 1.ª «poule», foi feita uma estrondosíssima ovação pela maneira briosa e arrojada com que se portou durante a corrida

(Clichés Garcez).

O CARNAVAL NO PORTO



«O sonho do «Kaiser»»

«Charge» á gréve das costureiras

A capital do norte já de ha anos a esta parte se vem tornando notavel pela maneira bizarra e artistica como n'ella se celebra o Carnaval, que no resto do paiz vae decaindo dos costumes de uma maneira espantosa.

Nas festas d'este ano apresentaram-se carros alusivos a varios factos ocorridos durante o ano passado, que foram muito apreciados



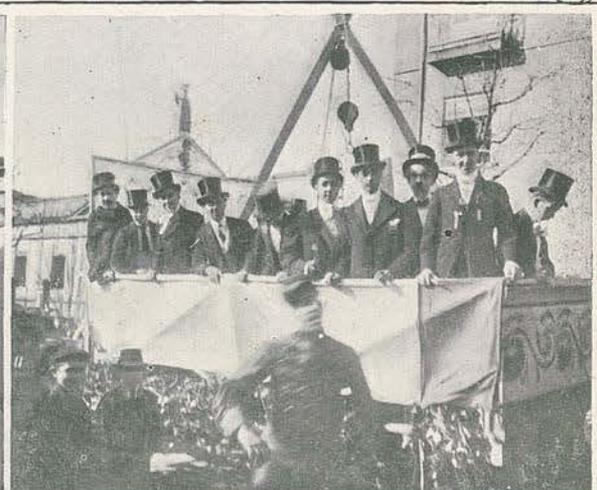
O carro eléctrico de Alcantara—Na taboleta lê-se: «Qual é a coisa, qual é ela que entra pela porta e sae pela janela?»

pela forma jucosa dos grupos que conduziam e que provocavam gargalhadas francas no publico que conhecia as personagens que n'esses grupos figuravam.

Os «clichés» que reproduzimos dão uma idéa exactissima d'esses carros que tanto entusiasmo despertaram na população portueense que se aglomerava nos passeios das ruas que o cortejo percorreu.



O grupo dos «palhoças»



O carro das obras da cidade (Clichés do fotografo sr. Alvaro Martins)



O sr. dr. Moreira Teles, escritor tão apreciado em Portugal como no Brazil tem estudado com muita intelligencia e ardor as relações entre os dois paizes e os meios de os aproximar n'uma grande comunhão de idéas e de interesses. O seu novo livro *Notas de Estudo* é mais um valioso documento do patriótico trabalho do distinto publicista.

O sr. dr. Agostinho de Campos, illustre professor e um dos nossos escritores mais elegantes e eruditos acaba de publicar n'um artistico volume, sob o titulo *Europa em Guerra*, muitas crônicas sobre a vida internacional, admirando-se n'ella o seu saber e o alto criterio com que previa o estalar d'esta medonha guerra e o papel de cada povo no conflito.

O distinto publicista e brilhante escritor sr. Eduardo de Noronha, que publicou recentemente a *Historia da Polónia*, livro que merece ser lido pelos valiosos elementos de estudo que encerra sobre uma raça tão digna da simpatia universal pelo muito que tem soffrido e pela sua lendas tão cheias de poesia.

O engenheiro sr. José Vitor Duro Sequeira, illustre chefe do serviço de tracção e oficinas dos caminhos de ferro do Minho e Douro, que publicou recentemente o *Guia do maquinista e loqueiro de locomotivas*, um precioso trabalho que tem merecido os mais calorosos elogios dos entendidos e os agradecimentos dos interessados.



Grupo de caçadores

Caçada em Vila do Conde. Na mata da quinta de Vilar, formosa vivenda do illustre vilacondense sr. Antonio Teixeira de Sousa Torres, realisou se ha dias a caçada annual com que aquele senhor, brilhante decano dos caçadores do concelho, costuma brindar os seus amigos. Foi uma festa cheia de entusiasmo e de alegria em que os distintos amadores que a ella concorreram tiveram ensejo de mostrar a adextrada pericia das suas espingardas, abatendo setenta e tantas peças de caça.

Entre os caçadores notavam-se os distintos *sportsmen* srs.: barão do Rio Ave, dr. Pereira Galvão, dr. Fernandes Silva, dr. André dos Santos, dr. Gabriel Fanzeres, Horacio Nogueira, Sebastião d'Almeida, dr. Artur Araujo, H.itor Brandão, Mesquita Guimarães, etc. A festa terminou por um opulento jantar a que não faltou o brilho das flores e das *toilettes* das senhoras e em que os illustres donos da casa, mais uma vez patentearam a cativante e fidalga gentileza do seu trato. A.



O sr. Manuel Paes, distinto jornalista, director da *Correspondencia da Covilhã*, falecido ha dias. Era polemista muito distinto critico de arte muito apreciaavel. Começou a escrever para a imprensa aos 15 anos.



Voluntarios portugueses nas fileiras francezas: De pé, da esquerda para a direita os srs. A. Louzaga, J. Walter, F. Pires, J. Simões, J. Peixoto e J. de Sousa. sentados: os srs. A. da Silva, M. Pimenta, Pierre Dupin e Oliveira Palma, morto em combate.



O sr. José de F. Dias, falecido aos 65 anos de idade, abatido proprietario de Silgueiros (Vizeu) e pae dos srs. Antonio L. Dias, illustre capitão medico no Ultramar, e Celestin o F. Dias, sub-delegado em Vizeu.



Grupo de alunos da «Escola da Arte de Representar» do Conservatorio de Lisboa na dança *Sarambeque*.—(Cliché Benoiel).

Escola da Arte de Representar.— O sr. dr. Julio Dantas, que ás faculdades de um grande e erudito escritor, alia as qualidades de um brilhante e delicado artista, organizou na Escola da Arte de Representar, que tão superiormente dirige, uma festa que a todos deixou encantados pela sua finura e graciosidade. Nada menos que a exhibição no palco do Conservatorio de quasi todas as danças populares portuguezas, entre as quaes



2. O capitão de infantaria 13, sr. Alfredo da Assunção Coelho, falecido ha dias em Vila Real.—3. O capitão e comandante do 3.º esquadrão da guarda republicana sr. Antonio Simas, falecido em Lisboa.—4. O general reformado da arma de infantaria sr. José Augusto Vita Verde, falecido em Lisboa.

a *Caninha Verde*, o *Vira*, o *Fandango*, o *Fadoc a Desgarrada*. Tambem se exhibiram a *Fôfa* e o *Sarambeque*, uma dança do seculo XVIII, para a qual Heiminio do Nascimento compoz uma lindissima musica e o distinto ator-professor Antonio Pinheiro ensaiou com a proficiencia se lhe conhece.

Alunos, professores e director do Conservatorio todos ouviram - unisonos - aplausos.



Um grupo de sinceros republicanos de Milheiroz de Poiars (Vila da Feira).

(Cliché do sr. Afonso Praça).



O ator Tallavi na mascara da *Magda*

O teatro hespanhol acaba de sofrer uma perda com a morte do grande e distintissimo ator Tallavi, muito querido do publico de Lisboa.